

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PRÓPRIEDADE DA EMPRESA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 20 DE JUNHO DE 1918

ANO II—N.º 48

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO

ANO 1440 | ESTRANGEIRO
SEMESTRE . . . 570 | ANO 3400

NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACITOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria)—TEL. 2337 C.—LISBOA

O NOVO REGULAMENTO DOS CAMINHOS DE FERRO

CAHU, como era natural que ca-
hisse, e como aqui prevemos,
antes de entrar em execução.

Esse facto veio provar mais uma
vez, a evidência que se é fácil o legis-
lar, é muito difícil o pôr em pra-
tica.

Os caminhos de ferro, são uma das
coisas das mais aleijadas que possuí-
mos. Traçados maus, regiões riquí-
ssimas privadas d'eles, administrações
deficientes e serviços ainda mais de-
ficientes. As companhias, muitas d'elas,
uma unica coisa tem tido em mira: a
sua administração. O Estado—que in-
justificadamente administra caminhos de
ferro—trata de fazer o mesmo, tendo
allás no seu programma o fomentar o
progresso e satisfazer os interesses do
publico.

Desde ha muito que se impõe um
regulamento que, abrangendo os ca-
minhos de ferro particulares e do Es-
tado, dê ao publico a facilidade e as
garantias a que tem direito.

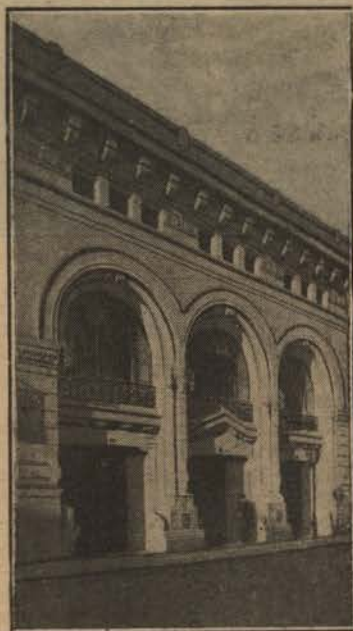
Mas reconhecendo essa necessidade,
tambem reconhecemos que não era
agora ocasião para isso. O que neste
momento transitorio se impunha, eram
umas leis provisórias, que dessem ao
estado e ao commercio uma garantia,
de accordo com as dificuldades do mo-
mento.

Existe uma Direcção Fiscal, com
uma legião de empregados para fiscal-
isar os serviços de caminhos de ferro,
mas toda a gente que conhece a en-
grenagem d'essa repartição, sabe que
a sua acção é quasi nula e que ella
representa apenas um encargo para
o Estado.

As companhias apresentam quando
lhes apraz as reformas de horarios e

a criação e reforma de tarifas; e a Di-
recção Fiscal approva-os com uma pe-
nada de tinta, sem uma hesitação, sem
uma reflexão sobre o bem ou mal que
taes reformas tragam ao publico.

Os Caminhos de ferro do Estado



LISBOA—PALACE CLUB—FACHADA PRINCIPAL

esses, então, limitam-se a mandar ao
respectivo ministerio os seus horarios
e as suas tarifas, não tendo passado,
como era forçoso que passassem, pela
Direcção Fiscal, para ella ver se estava
em harmonia com os das outras linhas.

Mas assim mesmo não era o mo-
mento azado para se fazer uma re-
forma ferroviaria; e quando se fizesse,
devia ella ser de character provisório e
elaborada por pessoas de justificada
competencia.

Se não, é ver o novo regulamento
que attribua aos fiscaes do governo uma
tal importancia de mando, que eram
nada, ao pé d'eles, os chefes de esta-
ção, os inspectores, que nasceram a
trabalhar em caminhos de ferro, os
propios Directores das Companhias,
que eram os delegados dos donos das
linhas.

O Director d'uma Companhia não
tinha o direito de subir a uma ma-
quina! Um fiscal do governo podia até
organisar comboios...

Agora, que os caminhos de ferro
precisavam d'uma certa protecção e
d'uma razoavel tolerancia, estabelecia-
se-lhes um regulamento pelo qual se apli-
cavam multas a proposito de tudo, não
se poupando isso o proprio pessoal.

A nós, foi-nos proposto, ha tempos,
fazemos, n'um importante diario da
capital, uma serie de artigos contra
uma certa linha ferrea, onde o serviço
deixava muito a desejar e que até mes-
mo n'este momento de extrema crise
para o caminho de ferro, podia ser
melhor. Recusamo-lo, não porque as re-
criminações não fossem justas, mas por-
que achamos o momento improprio
para tratar d'um assumpto, que a dar-
se-lhe remedio, punha em iguaes cir-
cunstancias de necessidade outras li-
nhas, e por em nossa consciencia, os
caminhos de ferro não o poderem
cumprir em absoluto.

Deixem terminar esta malfadada
guerra, e então mande o governo,
organisar por pessoas competentes e
desinteressadas, um novo regulamento

pelo qual os caminhos de ferro, quer particulares, quer do Estado, e perante o publico, que lhe paga, cumpram o seu dever, e crie-se uma Fiscalisação do Governo, para fazer manter esse regulamento, pondo-se á sua testa uma pessoa com autoridade moral e tecnica, mas dando-se-lhe apenas o direito de fiscalisar e nunca o de mandar.

Nesse regulamento, attribua-se á fiscalisação official, tambem, o direito de fazer retirar da circulação dos comboios, material de carga e de passageiros em mau estado de segurança e de comodidade, como muito que nós temos visto circular em algumas linhas.

As receitas das Companhias dão bem para que os passageiros não viagem em carruagens feitas ha 40 anos, desprovidas de conforto, e que são até uma vergonha nacional.

Faça-se, isso, e então a critica não será facil nem justa.

GUERRA MAIO.

SERRA DA ESTRELA

A Sociedade de Propaganda da Serra da Estrela solicitou do Governo a construção da estrada do Observatorio aos Barros Vermelhos (altitude 1.800 metros), local onde a mesma Sociedade pretende promover a construção d'um hotel com todo o conforto moderno.

Foram, pelo Director Geral das Obras Publicas, dadas as ordens á sub-Direcção da Guarda para que immediatamente fosse feito o estudo, a fim dos trabalhos commencarem sem demora.

É esta uma das maiores e justas aspirações da Sociedade, pois que sem esta estrada não pôde dar começo aos outros melhoramentos em projecto.

Parece que um grupo de capitalistas de Gouveia, vae construir, não só esse hotel nos Barros Vermelhos, que pela sua excellente situação, ao abrigo de ventos, e pela proximidade dos Cantaros e Lagoas, é o local preferido, como tambem um outro, em Gouveia, mais modesto, mas dotado de todo o conforto.

A tratar d'estes assumptos, e ainda de outros que se ligam com a propaganda da Serra, estiveram na semana passada em Lisboa, o sr. Pedro Botto Maclado e o sr. Lino Martins Coelho, respectivamente presidente e thesoureiro da referida Sociedade.

Novo edificio para os Correios de Lisboa

O *Diario do Governo*, de 6 do corrente, publicou uma portaria nomeando uma comissão de technicos para a urgente escolha do local destinado ao novo edificio dos correios e telegraphos, e bem assim para a organisação das bases em que deve ser feito o projecto.

É um melhoramento que se impõe pela sua absoluta necessidade, e oxala não fique apenas em projecto.

O RELATORIO DA PROPAGANDA DE PORTUGAL

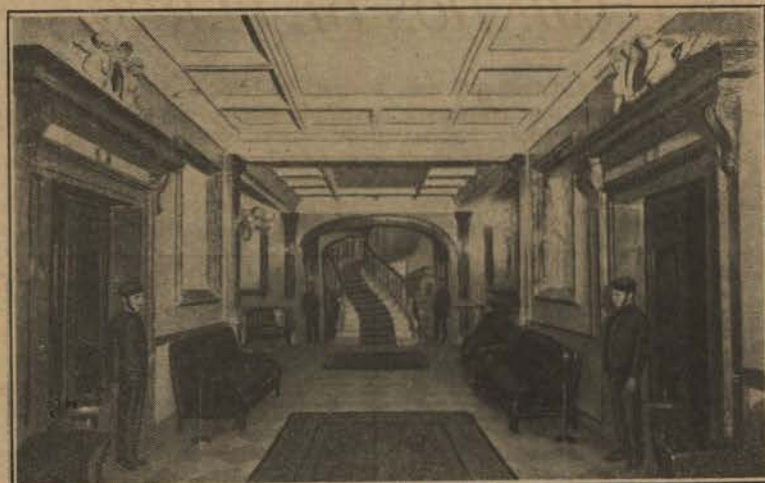
RECEBEMOS o relatório d'esta prestimosa colectividade referente ao ano findo, pelo qual vemos quão importantes foram os seus serviços para o desenvolvimento e propaganda, no nosso Paiz e lá fóra, de tudo quanto interessa ao turismo e do que se relaciona com o bom nome de Portugal.

Impossível nos é dar uma nota circunstanciada, do que foi a obra da Propaganda, não só porque muitos dos assumptos já aqui foram tratados na especialidade e, por isso, são já do dominio dos nossos leitores, como, tambem, porque o espaço não o permite, pois necessitaríamos de todas as paginas desta Revista para o fazer,

tem um largo conhecimento e cujo alto significado patriótico está á vista de toda a gente.

Na Suissa, o nosso illustre compatriota sr. Conde de Penha Garcia, elevou o nome de Portugal, em varias conferencias que ali fez. Transcrevemos o que a S. P. P. diz no seu relatório para se avaliar o alto interesse que essa propaganda tem para nós:

«Ja citámos, em um dos nossos boletins e nunca julgamos ocioso repetir, os revelantes serviços de propaganda realizados na Suissa pelo nosso vice-presidente Ex.^{mo} Sr. Conde de Penha Garcia. Devido á sua patriótica de-



PALACE CLUB - HALL D'ENTRADA

Vamos porém dar um resumo do que foi a obra da S. P. P. no ano findo, por onde se nota quanto vale a tenacidade das pessoas que estão á sua frente.

No capitulo "estrangeiro", — vê-se pelo relatório, que na Inglaterra, onde a palavra Turismo está posta de parte devido á guerra, o correspondente da Sociedade, tem adiantadas as negociações com o *The Over Seas Club*, que tem perto de 150.000 socios para que, logo que as circunstancias melhorarem, se faça com esta importante colectividade um entendimento com o fim de fomentar a propaganda reciproca.

Na Holanda, fez a Sociedade uma larga distribuição de prospectos em francez e inglez, para a divulgação ali do nosso Paiz.

Em França estebeleceu o Bureau de Reenseignements, de que os leitores

dicação, realisou S. Ex.^a uma série de conferencias sobre Portugal, sendo acompanhado de projecções luminosas sobre varios motivos portuguezes, relativos á parte monumental, turistica e de usos e costumes, cujos clichés foram fornecidos pela nossa Sociedade. Esta série de conferencias, realisada a pedido da «Commission romande des internés», nos meses de fevereiro, março, abril e maio, teve lugar nos sectores de Chamby, Charmey, Gruyères, Morgins, Champéry, Ohésières, Saint-Cerques, Les Diablerets, Spiez, Wengen, Frutigen, Fiesch, Suterlaken, Meiringen, e Engelberg, perante um publico constituído pelos internados francezes e belgas e numerosa população civil, cuja totalidade atingiu a cifra de uns seze mil.

A palavra fluente do illustre conferente, acompanhada das projecções no ecran, deu áquellas conferencias a impressão de pequenas visitas ao nosso paiz, e a alguns milhares de soldados e officiais aliados o ensejo de conhecerem um pouco da terra portuguesa, dos seus habitantes e de alguns dos seus belos monumentos.

ARTE E LITERATURA

O passeio da Viscondessa

DE JOÃO MARIA FERREIRA

Não se limitou o sr. Conde de Penha Garcia à divulgação das nossas belezas naturais e artísticas; o seu patriótico esforço foi mais além; ao mesmo tempo que afirmava a sua calorosa simpatia pela causa dos aliados, ocupava-se brilhantemente da nossa cooperação na grande luta, pondo em relevo os sacrificios feitos por Portugal.

Por toda a parte foi Sua Ex.^a recebido com as mais cativantes manifestações de estima e de agrado, e sempre que a sua ardente palavra evocava a Pátria Portuguesa, provocava da parte da assistência calorosos e entusiásticos aplausos a Portugal.

O serviço prestado ao nosso País pelo sr. Conde de Penha Garcia é daqueles que devem ser registados em páginas brilhantes d'um livro de ouro, e o seu exemplo seguido por todos que, como ele, sabem amar a sua patria e lhe dedicam o melhor da sua actividade.

A nossa Sociedade aproveita mais este ensejo de deixar publicamente consignado o seu grande reconhecimento e a sua profunda gratidão, pelos relevantísimos serviços que deve a tão distincto quanto illustre colaborador.

Em Hespanha como na America do Norte, também a influencia da Sociedade se fez sentir beneficentemente para nós; e no Brazil, iniciou ella a criação de nucleos de propaganda em varias cidades e ao mesmo tempo reduziu a quota de 12\$000, francos, annual, para os socios n'aquella republica, a 2\$400 fortes, o que vai dar grande incremento á entrada de novos socios.

Tambem a Sociedade tratou do decantado problema da navegação para o Brazil, que actualmente apresenta o aspecto da *suspensão completa das carreiras*; restando-nos, apenas, o recurso da via Hespanha para a correspondencia da via Inglaterra. Os desejos da Sociedade não foram satisfeitos, pois o magno problema continua a desinteressar por completo os poderes publicos.

A acção da Propaganda dentro do paiz é grandiosa, merecendo-lhe especial cuidado a questão dos hotéis, de que a respectiva comissão mostra consideraveis trabalhos realisaados.

Finalmente o relatório acusa um numero de 9.245 socios existentes, o que no nosso meio é já o que se chama importantissimo, e um fundo de reserva de 25.2420 65, o que é uma razoavel garantia para o estado financeiro da Sociedade.

A «REVISTA DE TURISMO» assigna-se e vende-se na sua administração, L. Bordalo Pinheiro, 28, e em todas as livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra Figueira da Foz, Guarda, Oitina e outras terras do paiz.

N'AQUELA formosa manhã de outono, no pitoresco parque da *vila*, que a morte juncava de folhas amareladas, a Viscondessa passava, montando um soberbo Alter puro sangue e apenas seguida por um joven creado inglez, montando n'um cavalo peninsular, galopava a trez tempos na direita.

A luz suave e tépida osculava lhe as faces carminadas por esse belo exercicio phisico, e o cabelo, que se escapava do seu chapéu de amazona, voejava ao vento como azas ligeiras de gentis andorinhas.

A Viscondessa, muito nova, e formosa, tinha entranhado amor pelo desporto hipico; por isso quasi todas as manhãs ia passear pelas áreas arborizadas do parque, montando o seu Alter *Adonis*.

E que gentil e correcta amazona era a Viscondessa! Ou a *passo* ou a *trote*, quer *ordinario*, *curto* ou *largo*; ou no *flyngtrot* ou no *stepper*; ou no galope a *trez*, *quatro* ou *dois tempos*, quer na *direita* ou na *esquerda*; ella era sempre uma cavaleira impecavel que bem conhecia os mimosos segredos da arte de montar.

O parque da *vila* era pouco frequentado e áquella hora matutina rarrissimas pessoas ali passejavam além da Viscondessa e do *groom*.

N'aquella dia, porém, a Viscondessa, quando já fatigada de correr levava a passo o seu *Adonis*, viu que do lado oposito da avenida dos plátanos se dirigia para ella um cavaleiro, montando um cavalo andaluz.

E o cavaleiro ao passar, n'um trote curto, junto d'ella, saudou-a deitando-lhe um olhar de admiração por tão peregrina beleza e por tão esbelta figura de amazona.

Agora todas as manhãs, cavalgando os seus corceis, se encontravam casualmente na mata; todas as manhãs se cumprimentavam sorrindo afavelmente.

Em ambos nasceu o mesmo sentimento amoroso e passado breve tempo, ao som maviosissimo das avezinhas á compita, eles faziam juras de eterno amor, nascendo-lhes na alma uma illusão por cada folha que tombava.

Chegou a primavera do ano seguinte.

No parque renasce a vida em cada tronco e nos ninhos os passaros cantam eternas canções de amor. O sol preside á grande festa da natureza e ele proprio, nos seus raios de ouro, traz a vida de todos os seres.

Pela manhã, á hora habitual, passeiam pelo parque dois cavaleiros: uma graciosa amazona e um gentil mancebo. São a Viscondessa e o marido: tinham casado no começo da Primavera.

A Viscondessa era feliz, pois o joven, que no outono vira pela primeira vez na avenida dos plátanos e agora tornado seu esposo, era tambem amante em extremo da equitação e considerado um bom calção nos centros hipicos da capital.



Dispersos

DE ANTONIO BOTTO

Deste-me um cravo encarnado

E eu não sei o que lhe fiz:

Não digas que me deixaste,

Pois fui eu que te não quiz.

Trago a alma quase morta,

—São Saudades de te vêr!

Quem te pudesse abraçar!

Quem te pudesse esquecer!

N'este cravo que te mando,

N'este cravo que eu colhi,

Vão mil beijos de Saudade,

Vão mil beijos para Ti.

Veem folhinhas de cravo

Na carta que me mandaste;

Serão folhas? Serão beijos,

Ou lagrimas que choraste?

ASPECTOS CIDADINOS

O "PALACE CLUB,"

Em um passado artigo exaltámos já as condições que ora distinguem a nossa capital da antiga cidade de mármore e granito á beira mar plantada.

Apresentamo-la, então, muito singelamente, mais sobre o aspecto das primeiras impressões do que divulgando propriamente a sua vida íntima; e, assim, mostramo-la como uma *menina «chic»*, de bela aparência com aspirações a ser integrada no convívio social do mundo e com direito ao tributo das primeiras cidades civilizadas.

Mas Lisboa, hó-

PALACE CLUB -
SALA DE LEITURA



je, não mostra só a aparência d'uma distincta correção de maneiras. Na sua vida ordenada e na sua natu-

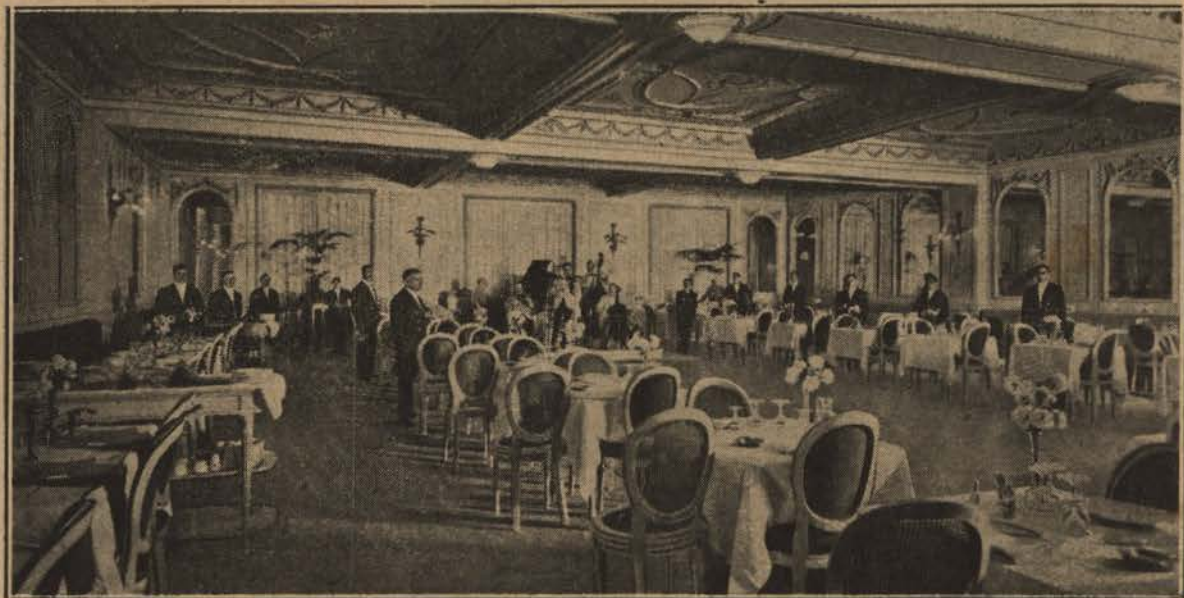
ral compostura, como nas suas pensadas palavras, ha, já, mais do que essa simples aparência.

Com justiça se pôde dizer que a sua exteriorisação corresponde á sua intimidade. Até na fantasia ela se

mostra já como que senhora viajada, conhecedora das multiplas formas de se alindar e de se engrandecer aos olhos alheios. Mas se isso se dá, devemos francamente dizer que a nossa modestia é, todavia, superior aos engrandecimentos com que algumas vezes pensamos entreter os outros.

Em boa verdade, nós, portugueses, não sabemos ainda mentir; e a mentira é hoje uma condição da vida; mas para se falsear a realidade das coisas ou phantasiar o que de me-

nos importancia possa ter, é preciso uma educação especialíssima que, apesar de todo o progresso já manifestado na nossa maneira de ser, ainda não conseguimos integrar no nosso meio, a ponto de substituir, por uma forma radical, os vícios dos costumes honestos em demasia, plebeus em extremo e sempre ridículos, que uma tara hereditaria nos faz ainda circular no sangue, em mistura com os outros globulos; o que, em boa razão, poucos ou nenhuns benefícios nos causa.



PALACE CLUB - SALÃO RESTAURANT

Ora como pelo natural desenvolvimento da ação creadora, uns se fazem mais rapidamente do que os outros, dá-se comnosco o que não succede já na generalidade dos povos civilizados: E' que entre nós a cultura da phantasia não tem seguido paralelamente a das outras condições que são também indispensaveis para se viver bem.

— Porquê?

Questão de temperamento?

Obediencia aos principios?

tem gradualmente manifestado n'este canto occidentalissimo do Velho Mundo.

Alguns temos já divulgado com a rudeza da nossa pena, e em proza chã, porque não somos artistas sufficientes para fazer realçar com vivacidade os motivos que traçamos; mas a nossa sinceridade na apreciação e na descripção d'esses motivos tem sido feita simplesmente com o matiz das nossas modestissimas tintas.

D'ahi, talvez, a pouca perfeição dos quadros que pintámos...

sumptuosidade, distincto pela selecção da sua concorrência, onde a vida do mundanismo perpassasse como volatil perfume de aroma enebriante. E da sua concepção á sua execução, foi o tempo preciso para a organização dos estudos indispensaveis.

Assim nasceu o «Palace-Club».

E como ele representa hoje um elemento de valor na nossa sociedade e reflecte um dos aspectos interessantes da vida intensa de Lisboa, não devíamos deixar de lhe dedicar uma espe-



Resultados de educação?

— Os deuses que respondam.



O certo é que os multiplos aspectos da nossa vida sempre deram sufficiente ensejo a apreciações varias.

E se hoje não vamos contar as epopeias que brilham nas estrophes dos Luziadas, e as que inspiraram tantos outros que ao refulgente nome portuguez deram um parcela importante da sua grandeza, (pois que não nos propomos a dar lições de historia nem, tampouco nos dispomos a fazer critica) não podemos, todavia, deixar de mostrar com agrado, aos que nos têm, os progressos que a civilização

PALACE CLUB - SALA DE JOGOS

— Não ha duvida que somos fracos pintores; mas... outros peiores tem ganho o *grand prix*, e feito fortuna com as suas telas...



A nossa referencia incide hoje, especialmente, sobre uma das manifestações progressivas que trouxeram a esta Capital um aspecto de conforto, de comodidade e de luxo, e que denuncia, ao mesmo tempo, a execução d'uma genial idéa para complemento da intensa vida mundana que em Lisboa já se pratica. Essa idéa foi simplesmente a fundação d'um *Club* moderno, «chic», grandioso pela sua

cial atenção, pois que a sua existência em muito pode contribuir para auxiliar os resultados d'uma verdadeira exploração turistica, quando um dia no nosso paiz se avaliar justamente a importancia economica do turismo.

O «Palace» pode chamar-se, com propriedade, um *Club de «tom»*. Nem toda a gente é seu socio, nem entra ali quem quer. E' um *Club* onde uma «grande tenue» tem o seu logar marcado. Ao seu ambiente casa-se perfumadamente e até obrigatoriamente um traje de gala. E' porque desde o portal da entrada tudo nos impõe uma especial compostura, uma severidade de gestos, uma cultura de costumes que só em boa sociedade se aprende, se pratica e se aprecia. E essa boa

sociedade vive rodeada de creados de libré, piza macios tapetes, senta-se em fofas cadeiras e contempla, sem ruído mas saborosamente, as manifestações de grandeza, o producto da Arte, do bom gosto e da riqueza. São estes predicados que o «Palace» nos apresenta ao primeiro golpe de vista.

O seu «hall», onde se admiram modelações de artistico valor, com a magistosa escadaria ao fundo; a sua elegante sala de leitura, em estilo holandez, onde, a par d'uma invejavel comodidade para o corpo, se pode entreter regaladamente o espirito na leitura de todos os jornaes mundiaes e de livros dos principes da literatura; a sua confortavel e sobria sala de bilhar, com uma saleta anexa para jogos de vaza; o sumptuoso salão de restaurante; as salas de fumo e de conversa, simples mas de bom gosto, e tudo o mais que constitue uma apre-

das senhoras, em rigoroso estylo Luiz XV até o elegante salão da Direcção, guarnecido de custosa mobilia D. João V — todo esse conjunto, de grandeza e de bom gosto a que um regimento de creados rigorosamente fardados dá ainda maior vulto, representa uma importância de consideravel apreço na nossa vida social, não só pela anima-



PALACE-CLUB—UM TRECHO DA BARBEARIA

ção que lhe influe, como pelo grau de civilização a que a eleva.

E a moderna civilização exige hoje requintes que não se desenvolvem em familia, mas nos pontos de reunião da sociedade, onde a grande vida é a imperatriz que domina pelos seus atractivos, que atrahem pelos seus encantos, que seduz pela multiplicidade dos prazeres que proporciona.

Assim ella é, não só aqui, como em toda a parte.

Alguem disse algures que para se passar menos mal o prazo da nossa existencia n'este mundo, forçoso é seguir a maxima da *Lagarixa*: *Allons... c'est pas mon père!* Para isso, porém, é indispensavel que a conjugação das alegrias, dos prazeres e das distrações se faça n'uma sequencia regular, fóra do circulo vicioso de preconceitos mal concebidos e peor interpretados.

A existencia d'um Club do mundo como o «Palace», representando um esforço consideravel de trabalho e de dinheiro, é um precioso elemento de vida, além d'um complemento indispen-

savel na grandiosidade d'uma capital, que não se avalia só pelo desenvolvimento do seu commercio e das suas transações, nem tampouco pelos seus monumentos e repositórios artisticos, mas, tambem e especialmente, pela intensidade do seu movimento social. Além d'isso, esses Clubs representam, ainda, um papel preponderante na situação economica das cidades; porque ás exigencias dos seus frequentadores corresponde uma circulação monetaria de grande valor; especialmente quando eles compõem uma sociedade cosmopolita, que paga por todo o preço a satisfação dos seus desejos e dos seus caprichos.

O «Palace», pois, pelas condições geraes que oferece, é um Club onde afoitamente se pode apresentar qualquer estrangeiro da mais alta jerarchia social, que, certamente, se sentirá bem no ambiente que ali se respira.

Acompanhamos esta simples e pouco elevada descripção, de gravuras dos aspectos mais interessantes d'esse belo Club. Por ellas se vê que a nossa resenha é muito palida em relação á realidade, que, de resto, por muito habil que seja um artista, fica sempre além da sua obra. Todavia julgamos ter dito o suficiente para que aqueles que ainda não experimentaram o prazer de passar umas horas alegres e despreocupadas n'esse Club, possam fazer uma idéa da sua grandiosidade, da sua elegancia e do bem estar que ali se disfructa.

Para completar o nosso relato devemos acrescentar que uma das coisas mais agradaveis que ha hoje em Lisboa, é jantar-se no *Palace-Club*. Além do serviço ser primoroso, um magistral sextetto executa sempre, durante essa refeição e, ainda, por occasião da ceia, concertos musicaes do maior agrado. E, com franqueza, comer-se com musica, é, actualmente senão o maior, talvez o melhor prazer da vida.

Por isso, quando podemos, lá o vamos saborear.

J. L.



PALACE-CLUB—UM TRECHO DA BARBEARIA

ciavel comodidade, como o vestuario, a barbearia, o engraxador, a tabacaria, emfim, todos os detalhes d'essa preciosa instalação desde o toucador

Todo aquele que se interessa pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deverá dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe comunicações que interessem ao seu fim especial.

FITAS PORTUGUEZAS

COIMBRA

(Continuação)

Foi Coimbra, a doce rainha do Mondego, a primeira terra que se fez passar pela película. Coimbra é uma cidade de turismo. Os seus monumentos, a Sé Velha, a Igreja de Santa Cruz, o Arco d'Almedina, a Casa de Sub-Ripas, a paisagem suavemente encantadora do Choupal, do Penêdo da Saudade, os costumes tradicionais das suas tricanas lavando no gracioso reguebrar do bater da roupa com as pernas á vela, onde o Mondego faz



COIMBRA—UM ASPECTO DA CIDADE

ondulações como que a beija-las, dão motivos bastantes para o atractivo do turista e por isso, também, para a cinematographia, que é o seu melhor recamio.

O primeiro aspecto filmado foi de um grupo de tricanas, na ponte de Santa Clara, com cestos ajuizados de couves, o que fez o operador fazer uma exclamação de pasmo, dizendo que as mulheres de Coimbra tinham a cabeça muito rija.

Depois a vetusta Igreja de Santa Clara-a-Velha, que no terreno aluviantado do Mondego, se vai afundando de ano para ano, deu um lindo aspecto, com o panorama de Coimbra ao fundo, e um grande vae-vem de tricanas e de estudantes* passeando na ponte.

Seguidamente, a Quinta das Lágrimas, com a sua amorosa fonte da lenda, os seus cedros gigantes, que «deram sombras a Ignez formosa», originaram dois quadros que, a avaliar pelo entusiasmo de René-Moreau, deviam ter ficado lindíssimos.

A Lapa dos Esteios succedeu-se na operação, em varios aspectos, com barcos carregados no Mondego e onde os barqueiros fazendo mergulhar as compridas varas no fundo do rio, mostraram aquele vigor de raça, que tanto os distingue.

Convem explicar aqui que o operador além do distinto artista que é, é também um turista apaixonado, e procura sempre dar um movimento aos quadros que imprime, de forma a mostrar ao turista que o que ali está não é um quadro banal, pintado por um artista sem gosto. Por exemplo, junto á Fonte dos Amores, ha uma lapide com uns versos de Camões. René-Moreau, mandou que eu lesse os versos ao Delegado da Sociedade de Propaganda de Coimbra, que nos acompanhava, dando assim o aspecto d'um cicerone que elucidava um viajante estrangeiro

e lhe traduzia o que ali estava escripto.

Depois, quiz que, com a bengala, eu apontasse para o sangue de Ignez,



COIMBRA—VISTA DA PONTE DO MONDEGO

no fundo da fonte, e em seguida que subissemos por uma escada rustica para mostrarmos que mais coisas havia dignas de visita.

Depois d'isto bem ensaiado, procedeu-se á operação: dando com aquele movimento um aspecto de vida á amorosa fonte.

Se os leitores soubessem as vezes que durante esta larga viagem R. Moreau fez ensaiar camponezes, para a composição d'um quadro campestre, e ás vezes tão lindo como era o pôr do

Sol entre os pinheirões e os campos passando como sombras na frente da machina; e quantas vezes fez parar e seguir automóveis, com passageiros em aspectos turísticos, e es fez apelar á porta de hotéis; e, ainda, figurar grupos de gentis meninas passeando entre jardins ou assomando ás janelas das casas antigas, e colher cravos nos vasos das varandas, respirar-lhe o aroma, como a Margarida da lenda, fariam certamente um juizo seguro de que a cinematographia é uma arte muito difficil, e que só por um artista, como ele, tal arte pode dar resultado.

A scena da Fonte dos Amores, repetiu-se em quasi todos os quadros que o operador filmou a ponto de esgotar a paciência ás pessoas que ele desejava fazer representar o papel de artista do silencio.

Outro exemplo: na volta da Lapa dos Esteios, um carro de bois que passava carregado de mato, conduzido por um velhote de barrete verde, apeteceu-lhe para entrar na fita, e ensaiou o homem guiando o seu carro e depois parar a uma taberna, limpar-se do suor e pedir á locandeira um copo de vinho. Acedeu o homem, mas a rapariga da taberna é que não esteve por isso—que não, e que não. Veio então uma velhota, e depois de tudo de novo pacientemente ensaiado, fez-se a operação, bebendo regaladamente o homenzinho dois copos de vinho, dando depois um estalinho na boca que não estava na peça, mas que produziu optimo resultado...

Depois, foi-se á Igreja de Santa Clara, de cujo terraço se disfructa um bellissimo panorama de Coimbra, e ter-se-hiam também operado o tumulto da rainha Santa e os bellissimo altars da Igreja, de talha admiravel, se o mordomo se não opozesse tenazmente, pondo-nos quasi na rua, porque—segundo ele disse—a confraria não deixava tirar photographias ao interior da Igreja. Boa forma de chamar fiéis e turistas, não haja duvida!

Em seguida, fomos à Igreja de Santa Cruz, onde tirámos aspectos exteriores e do claustro; a Quinta de Santa Cruz, Jardim Botânico, Penedo da Saudade, vista panorâmica da Cidade, tirada do Cemitério, Sé Velha, Sé Nova, e varios grupos de estudantes e tricenas, sendo um d'estes de duas raparigas de olhos tão seductores e de formas tão roliças, que fizeram o operador, — que era um sceptico — atirar uma piscadela de olho gulosa e convicta...

GUERRA MAIO

DESSPORTOS

O Grande Concurso Hípico

TIVERAM lugar em dias alternados da primeira quinzena d'este mez as provas do Grande Concurso Hípico promovido pela Sociedade Hípica Portuguesa.

Não nos permitte o espaço fazermos uma larga descrição d'essa bela festa de desporto, sobre o seu aspecto technico — para o que, todavia, nos faltava auctoridade; limitando-nos, por isso, a encarar esse certamen pelo lado proveitoso com que contribuiu para a nossa vida social, e, consequentemente, como um importante factor de Turismo.

Assim diremos — o que aliás é quasi sabido de todos — que em geral as festas hípicas constituem um grande atractivo para nacionaes e estrangeiros, principalmente quando ellas assumem as proporções grandiosas das corridas de Long-Champs, cuja fama é mundial.

Ahi tem-se jogado muita soma de dinheiro, em consideráveis apostas sobre as probabilidades dos vencedores. Não se deve, porém, levar esse jogo á conta de mais uma manifestação do vicio humano, mas classificá-lo como o poder absoluto d'uma convicção ainda mais absoluta. E é tal o entusiasmo que origina essa convicção, que se supõe muitas vezes, senão quasi sempre, estar-se assistindo ao mais hybrido torneio.

Em Portugal, as festas hípicas ainda não atingiram um tão elevado grau de cultura, em parte devido á falta de apuramento das raças que mais se distinguem nas corridas de cavalos, e tambem, porque o nosso temperamento prefere a exhibição de exercicios mais arriscados e mais dificeis, mas de maior efeito e de mais technica.

As corridas de cavalos em S. Sebastian, em Long-Champs e nos parques inglezes interessam á todos, em geral.

Os torneios hípicos em Portugal, tendo uma diferente caracteristica, enthusiasman

especialmente os que ao hipismo consagram uma verdadeira admiração e, ainda, a sociedade dita elegante, que a elles sempre concorre com o duplo intuito de apreciar o que de interesse lhe possa causar, e de passar umas horas distraídas em alegre convivio.

Deve-se, porém, dizer em boa verdade, que o exito d'essas festas é resultante d'um conjunto de circumstancias especiaes mais ainda do que simplesmente do valor tecnico dos concorrentes, pois que não é só a arte que pretende ser disputada a troco dos mais caros recursos; são, tambem, a elegancia, o garbo, o denodo e a maestria que disputam as primeiras classificações perante a austera apreciação d'um jury publico, mais snob que de elite.

Mas estes predicados todos são indispensaveis para que esses certamens tenham o valor social que é necessario manter-se-lhe, visto que elles não só representam um importante factor de vida, como, igualmente, favorecem a atracção de visitantes e constituem mais um apreciavel divertimento a proporcionar-lhes.

E, pois, com o maior enthusiasmo, que aplaudimos a realisação d'essas festas; sentindo, apenas, que ás d'este ano não tivessem concorrido, pelo menos, os nossos vizinhos hespanhoes, não já pela maior animação que a sua presença lhes traria, mas principalmente pela repercussão que o valor das provas realisadas teria tido no estrangeiro.

Assim, o nosso inclinação acompanha os nossos melhores votos para que o proximo torneio hípico não se limite a cavalleiros nacionaes, mas se amplie á todos os estrangeiros amadores d'esse genero de desporto, que certamente não negarão o seu concurso se lhes for assegurado o valor superior que deve ser a maior caracteristica dos nossos concursos hípicos.

O Relatório do Congresso Hoteleiro

TEMOS presente o relatório d'este Congresso realizado em abril do ano passado, facto que largamente noticiamos a esse tempo. Agora coligidas em volume todas as theses, acompanhadas dos estudos das sessões e com uma larga apreciação da Repartição de Turismo, vem trazer esse volume, áqueles que não assistiram ao Congresso, uma ideia perfeita do que foi essa reunião dos interessados na importante e prospera industria hoteleira.

O relatório é cuidado, e á sua organisação nada esqueceu; d'ahi o ser esse interessante volume um manual perfeito de ideias e de conselhos, que a classe hoteleira deve aproveitar.

Todos nós sabemos que sem escolas hoteleiras e sem sindicatos de iniciativa para construção de hotéis, a industria hoteleira

do nosso paiz permanece n'um profundo atraso technico que é preciso corrigir.

Aparte uns pequenos folhetos da Sociedade de Propaganda de Portugal e da Repartição de Turismo, o hoteleiro intelligente não encontra sobre o assumpto, uma obra, um tratado por onde se possa orientar para o desenvolvimento da sua industria. Temno, porém, agora n'esse relatório, que a Repartição de Turismo fez distribuir profusamente pelos interessados.

Todas as theses, são o resultado de profundos estudos sobre hotéis, tanto da sua construção, como exploração; sobre criação e, ainda, sobre o desenvolvimento de turismo, a que tanto interessa o assumpto. O relatório agora publicado pela Repartição de Turismo, é um tratado onde muita coisa pratica e proveitosa ha que aprender.

Oxalá ele surta os seus naturais efeitos, e que os esforços empregados pelo sr. Dr. José d'Athayde, digno Director da Repartição de Turismo, sejam compensados com proveito.

HORARIO DE VERÃO

EM 1 de julho entra em vigor um novo horario, na Companhia Portuguesa, pelo qual são ligeiramente melhorados alguns comboios do Norte e alterado sensivelmente o da Beira Baixa; sendo para este a partida de Lisboa ás 5,40 da tarde para chegar á Guarda pelas 11 1/2 da manhã seguinte e ligar com a Beira Alta, o que actualmente não succedia, pois só se podia sair d'ali no dia seguinte.

No sentido inverso, tambem a ligação da Beira Alta fica assegurada, pois o comboio parte da Guarda ás 6 horas da tarde para estar em Lisboa ás 11 1/2 da manhã seguinte.

LISBOA MODERNA

ALÉM dos dois grandes predios da Baixa que se estão transformando, um na rua do Carmo, para ampliação da casa Grandela, e cujas obras, representam um notavel trabalho de engenharia, e outro na rua do Ouro, para a Companhia de Seguros «Sagres», consta-nos que foi comprado o predio do largo do Corpo Santo, onde esteve o Hotel Paris, para ser demolido e aproveitado o terreno na construção d'um edificio destinado ao Banco Colonial Portuguez.

Tambem dos consta que o Banco Ultramarino, já adquiriu os predios vizinhos para ampliação e transformação da sua sede.

Annunciam-se gratuitamente n'esta Revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do Paiz.

BANCO COMMERCIAL DE LISBOA

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Capital realisado 2.000.000\$

SÉDE: RUA DO COMMERCIO, 102

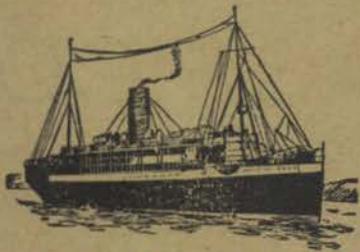
CORRESPONDENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO PAIZ E ILHAS, E NAS PRINCIPAES PRAÇAS ESTRANGEIRAS, SOBRE AS QUAIS TOMA E FORNECE SAQUES, DÁ ORDENS TELEGRAFICAS E CARTAS DE CRÉDITO.

RECEBE DEPOSITOS Á ORDEM E A PRASO FIXO, ABRE CRÉDITOS EM CONTA CORRENTE E EFECTUA TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS.

Telephones { DIRECÇÃO ... 159
CONTABILIDADE 3070

LISBOA (Portugal)

Empresa Nacional de Navegação



SERVÍCIO REGULAR ENTRE A METRÓPOLE E COLÓNIAS AFRICANAS

FROTA DA EMPRESA

TONELADAS	TONELADAS	TONELADAS
Mozambique... 6.500	Chinde..... 1.300	VAPORES SÓ PARA CARGA
Africa..... 5.640	Luabo..... 1.300	Mossamedes... 6.500
Beira..... 4.500	Guiné..... 1.211	Angola..... 6.000
Portugal..... 3.897	Zambezia... 1.174	Dondo..... 5.000
Zaire..... 3.156	Manica..... 1.116	
Cazengo..... 2.888	Ambriz..... 912	REBOCADORES
Ambaca..... 2.888	Ibo..... 940	Tejo
Peninsular... 2.744	Bolama..... 883	Cabinda
Cabo Verde... 2.201	Mindello... 300	Congo

Saídas regulares para a África Ocidental e Oriental, Guiné, Cabo Verde, e com trasbordo para todos os portos das duas costas

Todos os vapores desta Empresa tem frigoríficos, telegraphia sem fios electricidade, e todos os modernos requilhões da navegação

Escritórios da Empresa:

R. do Comercio, 85 - LISBOA R. da Nova Alfandega, 76 - PORTO

ASSOCIAÇÃO DE INHABILIDADE DO

Pessoal da Marinha Mercante Portuguesa
(SCORROS MUTUOS)

CAIXA ECONOMICA MARITIMA

97, Rua dos Fanqueiros, 101
LISBOA

EMPRESTIMOS SOBRE FENHORES: OURO, PRATA, PEDRAS PRECIOSAS E PAPEIS DE CREDITO.

A JURO MODICO

DEPOSITOS A ORDEM E A PRAZO

CHIADO TERRASSE

O Salão mais chic, commodo e elegante de Lisboa.

Empresa: TITTEL & COLAÇO

TELEPHONE 2548



O unico rigorosamente construido para projecções cinematographicas

AOS DOMINGOS E DIAS FERIADOS

MATINÉES

ÀS 14 HORAS E MEIA

E

Brilhantes SOIRÉES

ÀS 20 HORAS

Às 2.^{as} feiras ESTREIAS de FILMS D'ARTE

Às 3.^{as} feiras ESTREIAS

EM

SESSÃO DA MODA

Às 6.^{as} feiras ESTREIAS

EM

SOIRÉE ELEGANTE

TODAS AS NOITES MAGNIFICOS PROGRAMAS DE CONCERTO PELO SEXTETO DIRIGIDO POR J. CAGGIANI

NÃO HAVERA FALTA DE LUZ

DESDE QUE USEM

CANDIEIROS

DE

PETROLEO

VENDIDOS A PREÇOS REDUZIDOS

PELA

Vacuum Oil Company

Importadores de

PETROLEO, GASOLINA E OLEOS

LISBOA

R. Horta Secca, 39

PORTO

R. Elias Garcia, 55

Agencias nas principaes terras do paiz

Automovel de Turismo

METZ

WOLTHAM, MOSS.,
E. U. A.

MANUAL DO VIAJANTE EM PORTUGAL 4.^a EDIÇÃO

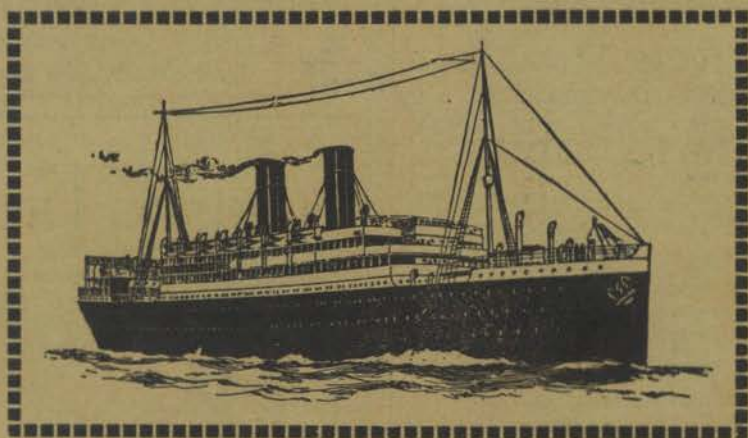
POR L. DE MENDONÇA E COSTA

Preço 1\$00 DIZ TUDO SABE TUDO

A' venda nas livrarias, principaes estações de caminhos de ferro e na Rua da Horta Secca, 13, 1.^a - LISBOA

COMPANHIA DA MALA REAL DO PACIFICO

==== (THE PACIFIC STEAM NAVIGATION COMPANY) ====



CARREIRAS REGULARES

DE

GRANDES PAQUETES RAPIDOS

DE LEIXÕES E LISBOA PARA

BRAZIL — ARGENTINA
PORTOS DO PACIFICO

PORTOS DE ESCALA

LAS PALMAS, S. VICENTE, PERNAMBUCO,

BAHIA, RIO DE JANEIRO, SANTOS,

RIO DA PRATA, PORTOS DO PACIFICO.

Agentes em LISBOA

E. Pinto Basto & C.ª, L.ª

64, Caes do Sodré

Agentes no PORTO

Kendall, Pinto Basto & C.ª, L.ª

73, R. Infante D. Henrique